Misericórdia

REVISTA - Existem 396 Misericórdias pelo país. Hoje os objectivos são diferentes dos iniciais. Que papel desempenham na sociedade portuguesa?

Luís Delgado - As Misericórdias estão a atingir neste momento os 500 anos. O fundamento para sua criação foram as 14 obras de misericórdia (sete corporais e sete espirituais), que se concretizavam no apoio aos abandonados, às crianças desprotegidas, idosos, leprosos...

Ao longo dos tempos, com a sua evolução, as famílias foram doando património às misericórdias e hoje temos a Misericórdia de Lisboa, que tem uma missão específica, a do Porto - que é a mais rica em termos de património no país - e depois existe uma série de instituições que são mais, ou menos, ricas, umas super ricas e outras pobres. Há também as que estiveram activas durante 200, 300 anos e que desapareceram.

Quanto à sua actividade, são mais, ou menos, activas porque são independentes, autónomas, têm os seus órgãos de gestão definidos, se bem que a tutela seja da Igreja.

Antes, prestavam serviços que o Estado não prestava, ou seja, o trabalho mais difícil, o apoio à última fase dos abandonados. Hoje, não é bem assim. Prestam serviços complementares que o Estado social deve prestar, na área das crianças, dos idosos. E não entendemos que sejam de outro modo.

- E no caso específico da Madeira. Há diferenças?

- Na Madeira a linha para a criação das misericórdias é idêntica ao resto do país. Tiveram um peso muito importante, nomeadamente a Misericórdia do Funchal. A de Machico perdeu todo o seu arquivo no aluvião e infelizmente não conseguimos reconstituir a sua história.

A Madeira mudou mais nos últimos 30 anos do que nos 200 anos que antecederam e hoje as misericórdias são o espelho da evolução que se registou na Região.

- Conforme referiu, as misericórdias são autónomas e algumas são pobres. Como sobrevivem?

- Há a ideia que são todas iguais. De facto são todas iguais se atendermos aos seus princípios, mas são todas diferentes porque cada uma interpreta-os à sua maneira. Hoje, há uma gestão anárquica das misericórdias, mesmo existindo a União das Misericórdias.

Na minha perspectiva, há três hipóteses de sobrevivência. Com base no património que a misericórdia foi arrecadando, se ele for valioso e se a instituição o souber gerir em termos actuais. A segunda, é o caso da Misericórdia de Lisboa, a única que tem acesso directo ao lucros do jogo. Pensa-se que todas misericórdias têm acesso a esse dinheiro, mas é um erro absoluto.

A terceira hipótese é partir para a exploração da prestação de serviços na área do social - no sentido de servir as comunidades onde estão inseridas - e realizar verbas. O que significa que as misericórdias devem ser geridas como empresas, têm que formar